

Rousseau integral, em duas versões

Ciro Lourenço Borges Júnior

Universidade de São Paulo

Thiago Vargas

Universidade de São Paulo/Paris 1

Œuvres complètes de Jean-Jacques Rousseau. Édition thématique du Tricentenaire.

Dirigida por Raymond Trousson e Frédéric S. Eigeldinger. Paris: Slatkine/
Honoré Champion. 24 volumes.

Jean-Jacques Rousseau. Œuvres complètes. Édition du tricentenaire dirigida

por Jacques Berchtold, François Jacob e Yannick Séité. Paris: Garnier
Classiques. 20 volumes.

O ano de 2012 marcou os trezentos anos de nascimento de Jean-Jacques Rousseau. A data foi celebrada no mundo inteiro, inclusive no Brasil, com numerosos eventos, publicações de variada natureza, realização de filmes e montagens teatrais sobre sua vida e obra, além de execuções de seus trabalhos musicais e operísticos, como o *intermezzo O Adivinho da Aldeia*. Falou-se muito na atualidade de Rousseau, discutiram-se diversos aspectos de sua obra, foi lembrado seu estatuto como escritor de primeira linha. Mas certamente o evento mais importante, ou ao menos o de consequências mais duradouras, se deu no mundo editorial, com a publicação de *Œuvres complètes* em 24 volumes, pelas editoras Slatkine (Genebra) e Honoré Champion (Paris), sob a direção de Raymond Trousson e Frédéric S. Eigeldinger; e o anúncio de *Œuvres complètes* em 20 volumes, pela Classiques Garnier (Paris), sob os auspícios de Jacques Berchtold, François Jacob e Yannick Séité (até o presente momento, vieram a lume os tomos XIX e XX).

Não deixa de ser curioso que duas edições diferentes tenham sido pensadas ao mesmo tempo, e caberá às bibliotecas de filosofia pelo mundo acomodar essas volumosas coleções ao lado das já conhecidas *Œuvres complètes* da Pléiade, em cinco

volumes (sob a direção de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond), além das inúmeras edições de escritos de Rousseau, comentadas e anotadas, que vêm se acumulando desde o século XIX, sem mencionar a monumental correspondência completa¹, em impressionantes 52 volumes, estabelecida por Ralph Alexander Leigh. Diante disso, fica a pergunta: por que, afinal, duas novas edições das obras de Rousseau?

Uma maneira de responder a essa indagação é observando que a multiplicação de edições da obra de um filósofo é um hábito salutar, do qual os alemães dão o exemplo há quase dois séculos. Que se pense, por exemplo, nas obras de Kant, que conheceram pelo menos 6 edições desde fins do século XIX, e que, mesmo com a edição “definitiva”, da Academia, continuaram a ser editadas em múltiplos formatos, segundo diferentes critérios, tendo em vista parcelas variadas do público leitor. Em pleno século XXI, ao que tudo indica, Rousseau estaria finalmente recebendo dos franceses um tratamento similar ao que os alemães deram ao seu mais famoso discípulo. Para os seus leitores, nada mais salutar do que dispor de diferentes versões de um mesmo texto, o *Contrato social*, por exemplo, que pode ser lido por si mesmo, em edição de bolso, na versão do manuscrito de Genebra, ao lado de outros textos políticos, em edição anotada, e assim por diante.

Mas não é apenas isso que está em questão, evidentemente. O fato de duas *Œuvres complètes* surgirem *ao mesmo tempo* é um testemunho do renovado interesse, no âmbito da filosofia de língua francesa, por um autor que por longo tempo foi mais lido, naquele país, por cientistas sociais e literatos do que por estudantes e professores de filosofia. É preciso termos em vista o momento no qual essas edições das obras completas se inserem, motivo não explicitamente anunciado pelos editores e talvez menos evidente ao leitor não especialista, mas certamente não menos relevante: trata-se de destacar o caráter filosófico da obra de Rousseau, assim como atestam os trabalhos de estudiosos como André Charrak, Blaise Bachofen, Bruno Bernardi, Céline Spektor e Gabrielle Radica, para mencionarmos apenas alguns nomes. Em primeiro lugar, essas pesquisas se destacam por uma investigação rigorosa, estabelecendo em bases teórico-conceituais a posição de Rousseau face à filosofia e, mais precisamente, ressaltando suas relações com as *ciências* de seu tempo. Em segundo lugar, buscam realizar um minucioso estudo filológico dos manuscritos e fragmentos, trabalho apto a auxiliar os pesquisadores em geral, pois estabelece as diferentes versões dos textos rousseauianos, as reformulações de frases e as escolhas de termos que compõem sua prosa filosófica, enfim, reconstitui assim

1 Evidentemente, há cartas de Rousseau ainda não encontradas — ou, como nos lembram os editores da Slatkine-Champion, o atual estado da correspondência de Rousseau é *lacunar*. As obras completas desta editora também incluem volumes de correspondência, em que Jean-Daniel Candaux se junta à equipe editorial formada por Trousson e Eigeldinger.

o próprio processo pelo qual Rousseau “fabricou seus conceitos” (para usarmos a expressão de Bernardi). São, em poucas palavras, estudos que habilmente conciliam uma análise dos textos que é, a um só tempo, histórica, filosófica e genealógica.

Essa nova perspectiva diante da obra de Rousseau foi acompanhada por edições críticas de alguns textos do filósofo, incluindo escritos menos estudados, tais como *O Manuscrito de Genebra*, os *Princípios do direito de guerra*, e os *Escritos sobre a paz perpétua* ou ainda as *Instituições Químicas* (em volumes publicados, respectivamente, pela Vrin e pela Fayard). Todo esse trabalho vem sendo realizado paralelamente à descoberta mesmo de novos manuscritos e documentos, como, por exemplo, um manuscrito contendo a terceira parte d'*A nova Heloísa*, encontrado em 2010.²

As edições Slatkine-Champion e Classiques Garnier são ambas empreendimentos editoriais que não ignoram a mudança de cenário ocorrida nos estudos de Rousseau em tempos mais recentes. Não são sem propósito, portanto, o destaque e a ênfase dados nas apresentações de cada uma dessas *Œuvres complètes* ao aparato crítico, à opção por volumes temáticos ou cronológicos e, sobretudo, à comparação entre as redações finais e os manuscritos originais.

No que concerne ao quadro atual de edições das obras de Rousseau vertidas para o português, uma rápida pesquisa na produção bibliográfica brasileira³ nos descortina um interesse ainda claudicante sobre textos importantes, como os autobiográficos. Se nos concentrarmos apenas no espectro de obras deste gênero, constataríamos uma presença apenas tímida de *Os Devaneios do caminhante solitário* e uma indiferença quase completa em relação a *Rousseau juiz de Jean-Jacques*. E se levarmos em conta certa negligência do trabalho de tradução no Brasil, notaríamos ainda um longo caminho a percorrer. Afinal, enquanto o *Discurso sobre a desigualdade*, o *Emílio* ou *O Contrato Social* receberam ao menos duas versões desde a metade do século passado, *Os devaneios do caminhante solitário* foi completamente traduzido apenas em 1986, por Fúlvia Moretto e publicado conjuntamente pelas editoras da UNB e Hucitec. Recentemente, no ano de 2008, a editora L&PM publicou uma nova tradução de Julia da Rosa Simões, em edição de bolso. No que concerne à extensa obra *Rousseau juiz de Jean-Jacques*, até o momento nenhuma edição brasileira foi publicada, excetuando-se dois pequenos excertos que acompanham a obra, intitulados *Sobre o assunto e a forma deste escrito*

2 Cf. o artigo de Nathalie Ferrand, *Un manuscrit retrouvé de La Nouvelle Héloïse de Jean-Jacques Rousseau*. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00605202>. Acesso em 12 de junho de 2017.

3 Levantamento imprescindível realizado e ainda atualizado por Thomaz Kawauche, acessível em: <http://giprousseau.blogspot.com.br/p/bibliografia-sobre-rousseau.html>. Acesso em 12 de junho de 2017.

e *História do precedente escrito*, ambos publicados em tradução também de Fúlvia Maria Luiza Moretto pela editora da UNESP, em 2009, em meio a outros textos e pequenos excertos reunidos sob o título *Textos autobiográficos e outros escritos*. Diante deste quadro, será um alento aos leitores de língua portuguesa a publicação de uma edição crítica de obras de Rousseau, destinadas aos pesquisadores e também ao público geral, a ser publicada em futuro próximo.

Realizadas estas considerações iniciais, comecemos por examinar a edição da Slatkine-Champion, composta, como assinalamos acima, por vinte e quatro volumes repartidos por temas. Naturalmente, as introduções e comentários aos textos variam em extensão, bem como em discussão com a fortuna crítica, embora todas contenham sempre muitas informações a respeito da cronologia dos escritos. Vejamos alguns exemplos. O primeiro volume (*Obras autobiográficas*), contém uma longa introdução de Raymond Trousson, especialista que em 2011 publicou uma biografia de Rousseau pela editora Gallimard, e abundam as notas e comentários ao longo dos textos. O volume XIII (*Dicionário de música*) também dedica uma valiosa e detalhada exposição inicial, composta por três introduções feitas por musicólogos ligados à história da arte e à filosofia da música: a primeira de Amalia Collisana, a segunda de Samuel Baud-Bovy (uma comunicação para etnomusicólogos escrita em 1986, e publicada postumamente neste volume) e a terceira de Brenno Boccadoro. Já o volume XI (*Escritos sobre a botânica*), sob os cuidados de Takuya Kobayashi, contém uma introdução mais sucinta, debruçada em numerosos detalhes históricos e de cronologia, com informações sobre obras de botânica da época, mas que, em geral, traz pouca contribuição à análise dos escritos rousseauianos sobre o tema.

Não se tratando aqui de comentarmos em pormenores cada um dos vinte e quatro volumes, vejamos dois que merecem destaque. No volume x, Raymond Trousson e Christophe Van Staen comentam e anotam o conjunto de textos agrupados sobre o tema *Escritos Científicos*, cuja maior parte é ocupada pela obra *Instituições Químicas*, iniciada em meados de 1740. Acompanham este importante escrito outros textos menos célebres, elaborados entre 1735 e 1738, como o *Curso de geografia* ou o *Tratado das esferas*. São apresentados, portanto, os escritos que revelam o interesse de um jovem autodidata, ávido em expandir seus conhecimentos sobre as ciências. Como resultado, Rousseau adquire uma visão de conjunto dos diversos saberes e da cultura científica de sua época, fornecendo-lhe instrumentos que perpassarão toda sua filosofia posterior (o caso da química, por exemplo, talvez seja o mais notável). Comentando esse período em que Rousseau estuda intensivamente as ciências, Christophe Van Staen, evocando por ora Bensaude-Vincent e Bernardi, por ora Eigeldinger, afirma em mais de um volume que

este foi o momento em que Rousseau descobriu “a natureza enciclopédica dos conhecimentos”. Com poucos comentários disponíveis sobre os textos reunidos, o volume, com muitos detalhes na introdução e abundante em notas explicativas e de variações, destaca-se nesta edição das *Obras Completas* e apresenta-se como especialmente proveitoso para os pesquisadores.

De forma mais concisa, poderíamos destacar também o interesse suscitado pelos últimos volumes (xviii ao xiv), *Lettres de Rousseau*, de grande valia para os estudiosos. Afinal, apesar da importância do já mencionado feito editorial de R. A. Leigh, é oportuno e vantajoso o lançamento de uma nova edição da correspondência ativa de Rousseau acompanhada de notas que muitas vezes esclarecem o conteúdo dos problemas e assuntos tratados nas cartas, com valiosas alusões à correspondência passiva. Finalmente, as obras completas, com introduções e comentários inclusos, estão disponíveis em versão eletrônica⁴, facilitando o acesso ao conteúdo dos textos e possibilitando a busca por termos.

Passemos ao exame da outra edição. O projeto editorial das *Obras Completas* empreendido pela editora Classiques Garnier de Paris, sob a direção geral de Jacques Berchtold, François Jacob e Yannick Séité, embora concebido por volta dos anos 2008 e inicialmente referido como uma “edição do tricentenário”, deve ser agora avaliado numa perspectiva que ultrapassa esse contexto. Adicione-se ainda seu estado fracionário, afinal, de um total de vinte volumes (sendo ainda um vigésimo primeiro destinado a anexos e index⁵) com publicação anteriormente prevista para o período entre 2010 e 2015, o que temos efetivamente disponível até o momento são apenas dois volumes, a saber, o xx e o xviii.⁶ O primeiro destes volumes traz *Les Rêveries du promeneur solitaire* e as *Cartes à jouer* (cartas de baralho nas quais Rousseau escrevia ideias e apontamentos que foram também retomados nos *Devaneios*), publicado em 2014, e o segundo abarca o universo em torno da obra *Rousseau juge de Jean-Jacques* (ou *Rousseau juge de Jean Jaques*, segundo a ortografia reproduzida do próprio manuscrito), publicado em 2016⁷.

4 O acesso é gratuito durante dez minutos por dia, podendo ser realizada uma assinatura anual, sem limite de tempo, para consulta. As obras podem ser encontradas no seguinte endereço: <https://rousseau.slatkine.com>. Acesso em: 12 de junho de 2017.

5 A edição prevê ainda a publicação da correspondência que será, todavia, distribuída nos volumes ainda segundo o critério cronológico e a pertinência aos diversos contextos em que foram compostas. Cf. o fascículo disponibilizado pela editora em www.classiques-garnier.com/editions-bulletins/Fascicule_Rousseau. Acesso em: 12 de junho de 2017.

6 Essas e outras informações podem ser auferidas num dos textos de promoção da edição, disponível no site da *Société Jean-Jacques Rousseau* (sociedade de pesquisadoras(es) do pensamento rousseauiano, que oferece o apoio institucional a esta edição). Confira no site: www.sjrr.ch/images/stories/pdf/oc.pdf. Acesso em: 12 de junho de 2017.

7 Ausente nos manuscritos e acrescentado apenas na edição londrina do primeiro diálogo, em 1780, realizada por Boothby, o subtítulo *Diálogos*, por meio do qual muitos conhecem

Tendo em vista o caso específico dos volumes da Garnier, poderíamos, em consequência à natural e mais ampla indagação sobre a importância de novas edições de obras completas, adicionar a seguinte questão: o que as renovadas edições de *Os Devaneios* e de *Rousseau juiz de Jean-Jacques* oferecem ao público? Se considerarmos a referência que os próprios editores utilizam, tomando-a como “uma versão totalmente renovada”, o que os novos (mas não menos os “antigos”) leitores destas obras poderão apreender não apenas de novo, mas de potencialmente inovador?

O primeiro ponto a ser destacado é sem dúvida o trabalho complexo de estabelecer rigorosamente todas as variantes disponíveis dos textos em questão, o que exige naturalmente um retorno e uma atenção redobrada aos manuscritos. Aqueles estabelecidos na edição de *Os Devaneios*, volume xx, por exemplo, comportam mil e quinhentas variantes que, para os editores anteriores, era visto como algo impossível a ser executado. A seção *Princípios desta edição dos Devaneios* mostra-nos, assim, qual o intuito subentendido dessa edição da Garnier: em suma, pela importância, por um lado, que Rousseau atribuía ao estilo e, por conseguinte, à escolha da melhor expressão possível; e, por outro, pelo dever que um editor possui de evitar o máximo possível a “desfiguração” do texto original, transcrever todas as variantes do texto (incluídos os “erros” frequentemente apontados pelos editores anteriores) configura um empreendimento essencial para acompanharmos o processo de escrita sem que as escolhas e supressões do editor configurem uma adulteração, uma introdução de um elemento estranho à obra do autor (levando-nos a considerar o termo *obra* no sentido mais amplo possível). Assim, imbuídos de um princípio de imparcialidade, isto é, comprometidos com um tratamento rigorosamente científico das obras, Alain Grosrichard e François Jacob, responsáveis pela preparação e estabelecimento das cerca de duzentas páginas manuscritas, nos brindam com um volume com mais de novecentas páginas repletas de uma generosa quantidade de notas explicativas e textos introdutórios, concernentes à história editorial e da recepção de *Os Devaneios*, além é claro do próprio texto e suas variantes (que ocupam todas as páginas da esquerda enquanto o texto aquelas da direita). Ainda neste volume, temos as *Cartas à jouer*, denominadas pelo editor da Pléiade apenas como *Esboços dos Devaneios*, e que recebem um tratamento individualizado (“ces cartes sont-elles bien d’abord une ébauche des *Rêveries du promeneur solitaire?*”), sendo primorosamente reproduzidas em imagens coloridas⁸

essa obra, não é reproduzido nesta edição da Garnier.

8 Jacques Berchtold, um dos diretores da edição, já havia afirmado inclusive que um dos pontos que distinguiria estas *Œuvres Complètes* das demais seria exatamente sua iconografia. Confira: www.fabula.org/actualites/article26182.php. Acesso em: 12 de junho de 2017.

e, claro, com a transcrição de todas as suas variantes.

O texto de *Rousseau juiz de Jean-Jacques* que temos em mãos é, como já anunciado na capa do volume XVIII, aquele denominado “manuscrito Condillac”. Como narrado pelo próprio Rousseau no texto *História do precedente escrito*, trata-se do manuscrito que o autor tentou depositar aos pés do altar da igreja de Notre-Dame e, tendo encontrado o portão de acesso fechado, decide confiá-lo ao amigo Condillac, em 1776, com a condição de não ser levado a público antes do fim daquele século. Como nos adverte Jean-François Perrin, professor emérito de literatura francesa na Universidade de Grenoble e responsável pela edição, trata-se, enfim, da primeira transcrição de *Rousseau juiz de Jean-Jacques*, o que nos leva à questão em torno da escolha desse manuscrito em especial como base desta nova edição. Em primeiro lugar, conforme a excelente introdução de Perrin nos informa, este manuscrito, tendo ficado vários anos em posse de particulares, não apenas nunca havia sido editado como tornou-se público somente há pouco mais de vinte anos ao ser adquirido pela Biblioteca Nacional da França – BnF.⁹ Robert Osmond, por exemplo, editor responsável pela obra na edição da Pléiade afirma que, embora soubesse da existência do manuscrito Condillac, não teve acesso ao documento.¹⁰ Philip Stewart, numa edição da obra para a editora Honoré Champion (coleção “Champion Classiques”, 2011) afirmou que nenhum pesquisador havia trabalhado neste documento e, segundo Perrin, somente após Stewart ter sido advertido de sua existência que ele escolhe algumas variantes a fim de incluí-las na sua reedição presente nas *Œuvres Complètes* da Champion-Slatkine (2012).

O fato de ser um manuscrito, em geral desconhecido, não é o que justifica, todavia, a escolha do editor da edição da Garnier, de modo que é antes a sua anterioridade em relação aos outros que configura sua excepcionalidade. Não esqueçamos, afinal, que todo o projeto editorial se orienta sob uma perspectiva cronológica. Logo, enquanto os outros editores privilegiam o manuscrito de Genebra justamente pela sua posterioridade e por ser, de certo modo, a versão mais acabada da obra, contendo todas as alterações e acréscimos de Rousseau (apenas dele?), a escolha segue ainda a intenção de proporcionar aos leitores a versão mais primitiva acompanhada das suas variantes posteriores, facultando uma percepção da intenção primeira do autor, assim como do processo de escolha de determinados conceitos e/ou expressões manifestado pela verificação das alterações incorporadas. É como se fosse possível, desta forma, acompanharmos o filósofo no seu ato de

9 A edição reproduz várias páginas do documento, porém, todo o documento pode ser acessado no site da BnF, a partir do seguinte endereço: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8426795c>. Acesso em: 12 de junho de 2017.

10 Cf. *Œuvres Complètes*, “Bibliothèque de la Pléiade”, t. I, p. xcvi.

escrever, em seu “ateliê”, para usarmos um termo escolhido por Perrin numa seção em que o editor esmiúça justamente essa “arte de escrever”. “Jean-Jacques, lève toi et marche!”, frase que lemos no início da admirável introdução dialogada do vigésimo volume e escrita por Alain Grosrichard, é, assim, a imagem que mais perfeitamente representa o sentimento e a ambição desse projeto editorial.

Por fim, numa comparação geral entre os dois projetos editoriais, um primeiro e mais evidente aspecto que sobressai das obras publicadas pela Garnier é o número maior e mais diversificado de especialistas responsáveis pela preparação dos textos, notas e prefácios. Ao selecionar uma equipe mais ampla, a editora preza por uma distribuição de comentários mais equilibrada e reconhece a qualidade dos trabalhos realizados por pesquisadores não europeus. Afinal, países como Brasil, Estados Unidos e Japão, para ficarmos com os exemplos mais proeminentes, já há tempos empreendem um trabalho original e de excelência. Nesse sentido, as contribuições dos professores Luiz Fernando Franklin de Mattos (USP), Maria Constança Peres Pissara (PUC-SP) e Maria das Graças de Souza (USP), a serem incluídas no quinto volume, representam um pertinente reconhecimento dessa tradição brasileira.

Tomando como parâmetro de comparação apenas as edições de *Os devaneios do caminhante solitário* e de *Rousseau juiz de Jean-Jacques* e, sem perder de vista o marco histórico representado pelo lançamento dos volumes das *Œuvres Complètes* pela Gallimard (Pléiade), a edição publicada pela Slatkine-Champion apresenta como novidade somente a introdução de variantes antes indisponíveis, sem que represente um avanço considerável quanto ao aparato crítico e introdutório. Já a edição da Garnier Classiques, por outro, ultrapassa os limites apresentados por aquelas edições, pois não somente reestabelece exaustivamente todas as variações disponíveis das obras como oferece um extenso aparato crítico, histórico e documental minuciosamente detalhado e explicado ao leitor. O volume apresentado por Alain Grosrichard e François Jacob (para *Os devaneios*), assim como a edição de Jean-François Perrin (para *Rousseau juiz de Jean-Jacques*) demonstram a ambição de fornecer ao público a mais completa ferramenta de análise possível. Ressalte-se, finalmente: ainda que a edição ofereça textos introdutórios e em certa medida interpretativos, uma de suas principais virtudes é a de fornecer os instrumentos (estabelecidos de maneira crítica e científica) destinados à leitura mais autônoma possível, de modo não a limitar, mas, antes, a multiplicar perspectivas interpretativas do pensamento de Rousseau. Dessa forma, dentre os volumes correspondentes disponíveis, e tendo em vista os textos já editados no primeiro tomo da Pléiade, os interessados pelas duas novas edições das *Obras Completas* deverão, certamente, optar pela Garnier Classiques.